



FOLHA DOMINICAL

DOMINGO II DA QUARESMA

Primeira Leitura (Gn 12, 1-4a)

Naqueles dias, o Senhor disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei; engrandecerei o teu nome e serás uma bênção. Abençoarei a quem te abençoar, amaldiçoarei a quem te amaldiçoar; por ti serão abençoadas todas as nações da terra». Abraão partiu, como o Senhor lhe tinha ordenado.

Neste excerto iniciam-se os relatos patriarcais, nos quais a figura de Abraão estabelece a passagem entre as histórias das origens (Gn 1–11) e a história do povo de Israel (Gn 12–40). A estrutura do texto segue o modelo clássico dos relatos de vocação: chamamento de Deus, promessa e resposta daquele que é convocado. A promessa dirige-se a três dimensões fundamentais — descendência, bênção e universalidade — revelando que Abraão não é apenas destinatário da bênção divina, mas chamado a tornar-se instrumento de bênção para outros. Deste modo, Abraão surge como mediador de vida, em contraste com o contexto anterior de maldição e dispersão descrito em Génesis 3–11. A sua resposta manifesta uma fé exemplar, entendida como confiança em Deus para além das seguranças humanas. O salmo responsorial prolonga esta perspetiva ao destacar a confiança na palavra do Senhor. A expressão «os olhos do Senhor» não indica vigilância, mas o cuidado providente de Deus para com aqueles que n'Ele esperam. Assim, o justo define-se não pela própria força, mas pela sua abertura confiante a Deus. A confiança na misericórdia divina torna-se, portanto, chave para compreender a ação de Deus na história e na vida humana.

Segunda Leitura (2 Tim 1, 8b-10)

Caríssimo: Sofre comigo pelo Evangelho, apoiado na força de Deus. Ele salvou-nos e chamou-nos à santidade, não em virtude das nossas obras, mas do seu próprio desígnio e da sua graça. Esta graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, desde toda a eternidade, manifestou-se agora pelo aparecimento de Cristo Jesus, nosso Salvador, que destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho.

Trata-se de uma passagem de caráter parenético, na qual a identidade crente é articulada a partir da perspetiva própria da adesão à graça de Cristo. A exortação a não se envergonhar indica um contexto de pressão e de tensões nas comunidades às quais o autor se dirige. O sofrimento por causa do Evangelho é aqui entendido como consequência da missão e adquire um sentido pascal: não é fracasso, mas participação no dinamismo salvífico inaugurado por Cristo. O autor introduz uma profissão de fé centrada na gratuidade da salvação. A cristologia concentra-se na manifestação de Cristo, cuja obra é definida pela

abolição da morte e pela irradiação da vida incorruptível. O uso destes termos aponta para uma neutralização do poder da morte: ela continua presente, mas foi privada do seu domínio. A referência a uma vocação santa destaca a dimensão cultural da vocação cristã, entendida como consagração ao serviço da Boa Nova. O apelo à força de Deus relaciona a coragem apostólica com a ação do Espírito, que sustenta a comunidade e cada um dos seus membros.

Evangelho (Mt 17, 1-9)

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E apareceram Moisés e Elias a falar com Ele. Pedro disse a Jesus: «Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias». Ainda ele falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O». Ao ouvirem estas palavras, os discípulos caíram de rosto por terra e assustaram-se muito. Então Jesus aproximou-Se e, tocando-os, disse: «Levantai-vos e não temais». Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus. Ao descerem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem: «Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos».

O relato da Transfiguração em Mateus acentua a perspectiva teofânica deste episódio — proveniente de Marcos — consolidando a sua interpretação pascal. O cenário da alta montanha funciona como lugar teológico onde se manifesta a identidade profunda de Jesus. O rosto luminoso, as vestes brancas e a nuvem resplandecente evocam o Sinai e as teofanias proféticas, sublinhando a continuidade com a revelação do Antigo Testamento. A presença de Moisés e Elias representa a totalidade da Escritura judaica (Lei e Profetas). O diálogo deles com Jesus evidencia a subordinação de ambos ao Filho. A voz que vem da nuvem retoma a declaração do batismo (Mt 3,17), mas acrescenta o imperativo da escuta, que recorda Deuteronómio 18,15 e apresenta Jesus como o profeta definitivo. O gesto dos discípulos, que caem com o rosto por terra, constitui uma resposta de temor diante da manifestação divina. O diálogo posterior de Jesus procura corrigir uma compreensão errada da sua identidade — aquela que o identificava com Elias — contrapondo-a à compreensão dos discípulos segundo a qual a vinda de Elias se cumprira em João Batista. É João, o precursor, quem prefigurou com a sua morte a morte de Jesus. A ordem de silêncio possui um matiz pascal: a identidade gloriosa de Jesus só poderá ser plenamente compreendida à luz da ressurreição. Na perspectiva do evangelista, o episódio confirma o caminho da cruz e propõe uma hermenêutica da revelação: a glória não elimina a paixão, mas transfigura-a a partir do seu interior, revelando a identidade filial do Messias.

Deus nas letras humanas

Nunca são as coisas mais simples

Nunca são as coisas mais simples que aparecem quando as esperamos. O que é mais simples, como o amor, ou o mais evidente dos sorrisos, não se encontra no curso previsível da vida. Porém, se nos distraímos do calendário, ou se o acaso dos passos nos empurrou para fora do caminho habitual, então as coisas são outras. Nada do que se espera transforma o que somos se não for isso: um desvio no olhar; a mão que se demora no teu ombro...a palavra que te faz bem ouvir.

Nuno Júdice

Avisos Paroquiais | 1 a 8 de março

01| II Domingo da Quaresma

02 | Outra leitura: uma fé com rosto, um Credo (com)vida - Uma aliança em pedaços de barro | 21:30

04 | Confissões | Nogueira da Regedoura | 09:00 e 21:00

05 | Confissões | São Paio de Oleiros | 09:00 e 21:00

06 | Noite de Oração em Família

08 | III Domingo da Quaresma - Ofertório para a Caritas

09 | Outra leitura: uma fé com rosto, um Credo (com)vida - Uma aliança em pedaços de barro | 21:30

10 | Confissões | Cortegaça | 21:30

11 | Comissão permanente do Conselho Pastoral | 21:30

12 | Confissões | Anta | 21:30

13 | 24 horas para o Senhor

19:00 Eucaristia

22:00 Completas

23:00 Oração de Taizé

00:00 Noite d'Alegria - Pastoral Juvenil

08:00 Laudes

12:00 Hora intermédia

18:00 Vésperas e Bênção solene com o Santíssimo

24 horas para o Senhor | Todos os grupos paroquiais devem passar pela secretaria paroquial para se inscrever e recolher o material de reflexão da respectiva hora.

Visita Pascal | Inscrição através do QR Code ou no Centro Pastoral



Durante a Quaresma:

O nosso Pároco vai visitar todos os doentes e idosos da comunidade e todos os que o desejarem.

Laudes | Igreja Matriz | de segunda a sábado | 8:00

Vésperas | Igreja Matriz | de terça a sexta | 18:30

Outra leitura: uma fé com rosto, um Credo (com)vida - Uma aliança em pedaços de barro | segundas feiras | 21:30

Noite de Oração em Família | Igreja Matriz | sextas feiras | 21:30